

Maria ficou grávida durante o lockdown e procurou conectar-se com outras mães

Quando Maria descobriu que estava grávida do seu segundo filho durante o lockdown, ela queria se conectar com outras mães que estivessem na mesma situação. "Nós nos mudamos de Londres para Pocklington Yorkshire 2024 e entramos imediatamente lockdown", ela diz. "Isso tornou o choque cultural ainda pior, porque não consegui sair facilmente para conhecer pessoas." Em 2024, com a maioria dos grupos de mãe e bebê ainda fechados, ela se juntou ao Peanut, um aplicativo para mães se conectarem e se façam amigas.

Após algumas tentativas fracassadas, ela se conectou com Naomi, uma diretora de advocacia de pacientes que também se mudou para Yorkshire de Londres com seu parceiro e filhinho pequeno. Naomi engravidou de seu segundo filho não muito tempo depois da mudança e se juntou ao aplicativo na esperança de conhecer pessoas com mentes semelhantes.

"Nós trocamos algumas mensagens e clicamos imediatamente", ela diz. "Nós percebemos que havíamos morado apenas ruas umas das outras Londres e nossos filhos nasceram dias um do outro."

Muitas coisas comum

Maria, que trabalha jornalismo, diz: "Nós tínhamos muito comum. Ambas éramos mães de meninos e grávidas de meninos." Os antecedentes familiares delas também eram semelhantes. "Nós conversamos sobre o fato de que as nossas irmãs têm necessidades adicionais complexas e o que era como crescer nessa situação", diz Naomi.

As mulheres que abandonam: uma análise da maternidade na Espanha

Quando Begoña Gómez Urzaiz deixou seu filho mais novo no jardim de infância pela primeira vez, seus amigos perguntaram se ela havia chorado. "Um pouco", ela mentiu, não querendo confessar que sua verdadeira emoção era gratidão e alívio. Por alguns horas abençoadas, ela poderia se dedicar ao seu trabalho como jornalista, sem pequenas mãos arrancando o cabo do laptop da parede e uma voz insistindo que era hora de brincar de cavalos.

Urzaiz, que mora Barcelona, admite ter sempre tido um apetite escondido por histórias de mulheres que abandonam seus filhos sem esboçar uma olhada para trás. Ela aborda essa questão uma ampla pesquisa que abrange a maternidade e a escolha das mulheres deixar seus filhos.

Muriel Spark: a escritora que abominava a maternidade

Urzaiz começa com Muriel Spark, longa a símbolo de mulheres que odeiam e deixam seus filhos. Em 1938, Spark deu à luz Robin na Rodésia e, assim que as condições de guerra permitiram, fugiu para a Inglaterra, deixando o filho aos cuidados de freiras. Ela finalmente o chamou, mas o deixou com seus pais Edimburgo enquanto se concentrava cultivar sua carreira literária Londres. Os romances de Spark, como *O Melhor Momento de Miss Jean Brodie* e *As Moças de Cintura Fina*, com sua estrutura precisa e voz autoral mordaz, poderiam ser produzidos apenas períodos

de concentração perfeita, o que é irreparavelmente interrompido quando um menino pegajoso insiste subir seu colo. O vínculo fracturado de Spark com seu filho estabeleceu as condições para um tempo de ódio mútuo. Em 1998, ela ainda relatava que via Robin, que se tornou um pintor, com total desprezo: "Ele nunca fez nada por mim, exceto ser um grande aborrecimento."

Ingrid Bergman: a estrela de Hollywood que causou escândalo

Spark conseguiu se livrar da maternidade sem chamar muita atenção, porque escritores, por grande parte do século 20, não eram celebridades sentido moderno. Foi diferente para a estrela de Hollywood Ingrid Bergman quando, em 1949, ela deixou seu marido sueco e filha para o diretor italiano Roberto Rossellini. A América da varanda de frente ficou chocada, com um senador severo alegando que Bergman era "uma poderosa influência para o mal". Se ele tivesse sabido o que ela faria a seguir, então provavelmente as palavras lhe falhariam completamente. Após se separar de Rossellini em 1957 (ele recusou-se a permitir que ela retomasse sua carreira de atuação), Bergman entregou seus três filhos a babás em Roma enquanto partia para Paris com um novo namorado.

Mulheres que deixam seus filhos: uma análise global

Urzaiz examina diligentemente o rol de mulheres que deixam seus filhos, incluindo figuras públicas e exemplos fictícios como Anna Karenina, Nora Helmer e Joanna Kramer. No entanto, a parte mais interessante do livro é a seção que Urzaiz entrevista outro tipo muito diferente de mãe ausente: imigrantes econômicas obrigadas a trabalhar no exterior para enviar dinheiro para seus filhos casa. Elas vêm da Nicarágua, Colômbia e Peru, e vão para a Espanha para encontrar empregos comparativamente bem pagos em limpeza, trabalho de hotel e assistência social. Elas contam a Urzaiz histórias sombrias de manter contato com seus filhos pelo WhatsApp e retornar a cada três anos ou mais para encontrar-se reduzidas a estranhas.

Embora esse material seja convincente, ele se sente deslocado ao lado da recapitulação de figuras públicas e do rol rápido de exemplos fictícios. Além disso, o texto de Urzaiz não é bem servido por uma tradução que soa desajeitada, dando a esse livro incomum um sentimento desarticulado.

As abandonadoras: De mães e monstros, de Begoña Gómez Urzaiz, traduzido por Lizzie Hughes, é publicado pela Borough (£16.99). Para apoiar o Guardian e o Observer, compre um exemplar no guardianbookshop.com. Custos de entrega podem se aplicar.

Informações do documento:

Autor: jandlglass.org

Assunto: apostando online

Palavras-chave: **apostando online - jandlglass.org**

Data de lançamento de: 2024-11-29